

CULTURA COMO PRODUTO TURÍSTICO

*Sandra Regina Haas da Fontoura**

*Susana de Araújo Gastal***

*Dinizar Fermiano Becker****

“A cultura une os homens entre si, união que urge numa época de desintegração como a nossa.” (Telles, 1977)

Resumo

Este trabalho procurou refletir a conceituação teórica do termo cultura em diferentes épocas históricas e por diversas correntes teóricas, para finalmente arriscar uma definição aproximada do que se possa compreender por cultura.

A partir desse conceito, buscou-se propor uma alternativa de turismo viável para muitas sociedades atuais, que teriam como única riqueza a cultura de seu povo, que poderia ser formatada como um produto comercializável em projeto de Turismo Cultural. Percebe-se este como tendência crescente hoje e como um meio de humanização das atuais sociedades automatizadas.

Palavras-chave: Cultura, Homem, Sociedade, Diversidade, Turismo cultural.

Zusammenfassung

In dieser Arbeit wird der Begriff *Kultur* in verschiedenen historischen Epochen und in seinen verschiedenen theoretischen Bedeutungen untersucht; Ergebnis ist es dabei, eine präzisere Bestimmung dieses Begriffs vornehmen zu können.

Von dieser Definition des Begriffs *Kultura* ausgehend wird für diejenigen Gesellschaften, die

* Mestre em Desenvolvimento Regional pela UNISC. Professora de História da Arte, Folclore, Museologia e Técnicas do Turismo do Curso de Técnico em Turismo do Colégio Nossa Senhora Medianeira.

** Mestre em Artes Visuais. Jornalista. Professora do Curso Superior de Turismo e do Curso de Especialização em Produção e Gestão do Turismo, ambos na FAMECOS/PUC/RS. Co-orientadora.

*** Doutor em Economia pela UNICAMP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC. Professor do Departamento de Ciências Econômicas da UNIVATES. Presidente do Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari – CODEVAT. Presidente do Fórum dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento de Rio Grande do Sul – COREDES – RS. Orientador.

als einzigen Reichtum die Kultur ihres Volkes besitzen, eine als Handelsprodukt nutzbare Alternative zur herkömmlichen Touristik vorgeschlagen.

Schlüsselwörter: Kultur, Mensch, Gesellschaft, Vielfalt, Kulturtourismus.

INTRODUÇÃO

Definir cultura vem sendo preocupação para os teóricos, principalmente nos últimos cem anos, mostrando-se inesgotável, continua tema central das discussões dos pesquisadores contemporâneos. Tanto que hoje, para a palavra cultura tem-se os mais diversos conceitos, variando estes com a formação cultural ou acadêmica de seus pesquisadores.

Para permitir uma análise mais ampla em torno do tema, faz-se necessário verificar em que momento este aparece como preocupação teórica e como evolui a percepção do mesmo através da história das diferentes sociedades.

DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE O CONCEITO DE CULTURA

O desenvolvimento da civilização humana está marcado por contatos e conflitos entre os diferentes modos de organização social, produtiva, política, material e natural. E durante este processo, percebe-se as constantes transformações por que passam as culturas, sejam movidas por suas forças internas, ou como resultado desses choques com outras culturas, ou ainda, por ambos os motivos. Por isso, ao discutir-se a cultura, sempre se pensa a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência, "porque a cultura influencia o comportamento e diversifica enormemente a humanidade" (Laraia 1996, p. 8).

Cada grupo humano teve seu desenvolvimento marcado por ritmos diversos e modalidades variáveis, não impedindo a constatação de tendências globais, tais como o uso e apropriação dos recursos naturais disponíveis e a sedentarização. Além de haver grande variação de recursos ao longo das terras habitáveis, muitos territórios semelhantes foram ocupados de modos distintos por populações diferentes. Igualmente variadas são as formas de organização social, havendo também neste caso tendências dominantes, como a da formação de sociedades tradicionais com o poder político centralizado.

Quatro séculos antes de Cristo, o homem já percebia a diversidade cultural entre os povos e procurava explicar o fenômeno, como podemos constatar no famoso enunciado de Confúcio: "A natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados." (apud Laraia 1996, p. 10)

Da mesma forma, o historiador grego Heródoto preocupou-se com o tema quando descreveu os povos da antigüidade, acentuando suas diferenças. E se analisarmos os escritos de muitos historiadores, viajantes e estudiosos ao longo da história, poderemos observar que a todos incitou o dilema do porquê do diferente das "outras nações". Esta expressão, ao ser usada da antigüidade até os dias de hoje, denota um distanciamento entre o observador e o objeto observado, ou seja, o que observa vive dentro da civilização, as demais realidades são o estranho, o marginal, o diferente, o que deve ser analisado. Assim agiram Marco Polo, José de Anchieta e inúmeros outros, até os nossos dias.

Inclusive houve, até há bem pouco tempo, esforços de antropólogos e historiadores para colocar todas as culturas humanas num único e rígido esquema de etapas evolutivas: evolução linear. Nesse caso, as culturas seriam hierarquizadas segundo os critérios de valor de uma dessas culturas. Como nem todas as sociedades passaram pelo mesmo processo histórico em sua evolução, os esforços nesse sentido não foram bem sucedidos.

Correntes teóricas das Ciências Naturais e da Antropologia Física, hoje Etnólogos, tentaram também atribuir as diversidades culturais a capacidades específicas inatas a "raças" ou a grupos humanos específicos: o denominado determinismo biológico. Mas este, a partir do século XIX, também foi refutado, por não existir correlação significativa entre os caracteres genéticos e os comportamentos culturais, pois qualquer criança humana normal pode ser educada entre qualquer nação, adquirindo assim os seus usos e costumes, bem como assimilando a sua língua e modo de pensar. O comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, segundo os hábitos de seu meio social.

No final do século XIX e início do século XX os geógrafos desenvolveram a teoria do determinismo geográfico, que considerava as variações dos aspectos físico-ambientais as responsáveis pela diversidade cultural. Essa linha de pensamento foi também superada, ao provar-se que existe grande diversidade cultural localizada em uma mesma espécie de ambiente físico. A diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da história humana, sendo o resultado da vida organizada em sociedade, onde se registram, inclusive, graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza.

Em outras palavras: "Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes" (Santos 1994, p. 12), ou seja: "é sempre fundamental entender os sentidos que uma realidade cultural faz para aqueles que a vivem."

Nessa concepção, não há superioridade ou inferioridade de traços culturais ou de culturas entre si. O que há são processos históricos, que as relacionam e estabelecem marcas verdadeiras e concretas entre elas.

Para não aceitarmos o outro extremo, o do relativismo cultural, é importante considerar a diversidade cultural interna a uma sociedade, onde se estabelecem, além das diferenças culturais entre os indivíduos, as desigualdades como fruto da opressão das camadas hegemônicas de uma sociedade sobre as demais.

Da mesma forma, as culturas e sociedades humanas se relacionam de modo desigual.

As relações internacionais registram desigualdades de poder em todos os sentidos, os quais hierarquizam de fato os povos e nações. Este é um fato evidente da história contemporânea e não há como refletir sobre cultura ignorando essas desigualdades. É necessário reconhecê-las e buscar sua superação, pois, não há razão para querer imortalizar as facetas culturais que resultam da miséria e da opressão. (Santos 1994, p. 18 e p. 20).

Portanto, parece pertinente analisar a concepção de cultura hoje, para que possamos compreender como as sociedades se movem em torno da mesma, ou como a buscam e como são influenciadas por ela e pelas demais culturas paralelas. Porém, quanto à definição de cultura ou a distinção entre o que realmente seja cultural ou não em uma sociedade, ainda não há delimitação precisa.

O termo cultura deriva do termo germânico *Kultur*, que era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma sociedade, enquanto que *Civilization*, palavra de origem francesa, referia-se principalmente às realizações materiais de um povo, segundo estudos de Laraia (1996). Ambos os termos, ao serem sintetizados por Edward Tylor (1832-1917), deram origem ao vocábulo *Culture*, que significa este todo complexo que inclui crenças, conhecimentos, arte, produção, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade adquirida pelo homem como parte integrante de uma sociedade. Assim, pela primeira vez, cultura é vista como totalidade social, quase no final do século passado.

Também quanto à origem da cultura em meio às sociedades, a questão é polêmica. Para Claude Lévi-Strauss (1989), surge a cultura no instante em que o homem convencionou a primeira norma, a primeira regra.

Já para o americano Leslie White (apud Laraia 1996, p. 56), “a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro humano foi capaz de gerar símbolos”. Para ele, “sem os símbolos não haveria cultura e o homem seria apenas animal, não um ser humano... O comportamento humano é o comportamento simbólico”. Para compreender o significado de um símbolo é preciso conhecer a cultura que o gerou.

Haulot (1991) vê estes símbolos como ferramentas para o homem adaptar-se a uma sociedade: “Creemos que la cultura sólo tiene sentido en la medida en que forja para cada individuo un medio de comprender mejor al mundo y una herramienta capaz de permitirle adaptarse mejor o comprender mejor.” (p. 83)

Segundo a visão de Geertz (1989), todos os indivíduos são aptos geneticamente para receber um programa conhecido por cultura. Nesta perspectiva, a cultura não poderia ser considerada como um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de mecanismos de controle, receitas, regras, planos, instruções e normas para

governar o comportamento em dada sociedade. Afirma ainda, que todos os homens nascem com um “equipamento” para viver mil vidas, mas acabam por viver uma só. Quer dizer que, ao nascer, a criança poderia ser socializada em qualquer cultura humana existente. Portanto, não existiria homem culto ou inculto, pois todo o comportamento individual tem base na cultura em que o indivíduo está inserido. Ou ainda, a sociedade não se explicaria se não pela cultura que lhe é inerente.

Nesse sentido, estudar a cultura seria estudar um código de símbolos partilhados pelos membros de um determinado grupo social. Seus significados compreendem categorias de regras sobre relações e modos de comportamento, ou seja, são sistemas simbólicos criados pela mente humana para estabelecer os mecanismos de controle para orientar o “agir” social em um dado espaço cultural. É indispensável ao indivíduo conhecer os símbolos que regem uma sociedade, para que possa nela sobreviver. Da mesma forma, só seria possível analisar a coerência de um hábito cultural conhecendo-se o sistema que o gerou, não esquecendo também que qualquer sistema cultural está em contínuo processo de transformação. Portanto, o que é correto hoje, poderá ser inaceitável amanhã.

Assim, de acordo com Sotelo (1991), a sociedade é um grande organizado de pessoas, uma reunião de indivíduos que trabalham juntos, e a cultura, um grande organizado de normas de conduta, ou seja, o conteúdo dessas relações que os homens herdaram, utilizam, transformam, aumentam e transmitem. Afirma também, que “todo o criado do homem frente a natureza” seria sua cultura, e que “a cultura é a herança social” (p. 14)

Ainda quanto aos símbolos, no mundo contemporâneo, todas as sociedades atingidas pelos meios de comunicação aderem e consomem “símbolos transnacionais” como “instrumentos de diferenciação” social, conforme Canclini (1995). Esses instrumentos de diferenciação só se realizam como tais se o seu valor é conhecido pelos demais. Também no consumo cultural os grupos se distinguem, em âmbito local ou global, porque há símbolos transnacionais, constituindo o que Stuart Hall (1997) chama de identidade globalizada.

Já na visão de Bourdieu (1989), os símbolos seriam instrumentos da integração social. Porém, são criações de uma classe dominante, a qual, com eles exerce seu poder sobre as demais classes. Bourdieu chega a chamar este conjunto de instrumentos de “poder simbólico”, declarando: “é esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos” (p. 7). Então os símbolos são regras não formais que o grupo vai estabelecendo no convívio social, para ordená-lo e hierarquizar a sociedade e, com o tempo, podem vir a se formalizar, ou não.

Arnold Pacey (1990) acredita haver força mais poderosa que os símbolos dentro de uma cultura. Refere-se à tecnologia como argumento poderoso sustentando estratégias políticas. Reforça que a tecnologia, como a ciência, servem ao poder, aos jogos políticos,

à dominação do homem sobre a natureza e sobre os outros homens. Logo, ter tecnologia simboliza ter conhecimento, poder, status.

Para o sociólogo e investigador chileno Norbert Lechner (1990), o estágio econômico e cultural de nossa época é representado pela modernização constante, pelo desenvolvimento contínuo da *racionalidade instrumental*¹ como meio de chegar à modernidade. Percebe que a modernização, por mais que pareça necessária, traz profundas contradições internas quando as tendências de integração transnacional produzem processos de desintegração nacional, ou seja, a modernização gera integração paralelamente à marginalização.

Neste contexto torna-se difícil a distinção entre as diferentes culturas, pois com a globalização (universalização do consumo) e a mundialização (internacionalização da cultura)², as novas tecnologias, ideologias, símbolos, tendências artísticas, literárias, científicas, cinematográficas, musicais, humanas, econômicas e culturais mesclam-se entre si, perdendo em parte as suas especificidades culturais. É claro que não deixarão de existir características típicas de cada sociedade, pois há na cultura fatores de eternidade, segundo Sotelo (1991), mas as trocas culturais conseguem amenizá-los, pois há outros fatores, como os econômicos e políticos que são de média e curta durabilidade.

Para Beni(1998), a cultura dá aos membros de uma sociedade um conjunto de respostas prontas às questões básicas, destacando assim, o que estes têm em comum. Mas acredita que por mais que o homem recrie e desenvolva suas culturas nas sociedades contemporâneas, “a qualquer momento a cultura pode ser vista aprisionando seus membros em padrões de comportamento e seus sentidos suficientemente diferenciados, de forma que é possível distinguir povos entre si.” (p. 85)

Hoje, a maioria dos teóricos aceita que a cultura não pode ser associada apenas a estudo, educação, formação escolar, pois ela não seria propriedade de uma classe, algo que se possa obter através de compra ou por herança. Ela não seria um bem restrito às classes privilegiadas. Cultura não é um luxo de elite, conforme Alfredo Bosi (1987). Cultura, na sua visão, seria “vida pensada”. Então, ela deveria ser pensada como fruto de um trabalho. A cultura seria um processo, que se iniciaria com o trabalho.

Para Darcy Ribeiro (1995, p. 13) a cultura é a mais importante das atividades humanas. Seria ela que nos faria humanos:

A cultura é que nos guia em nossa adaptação ecológica ao ambiente em que vivemos. É ainda a cultura que nos estrutura e organiza para

¹ Racionalidade instrumental seria o uso da racionalidade como instrumento para... Neste caso, o uso da razão teria o poder modernizador. Aliadas a esta, a ciência, a educação e a tecnologia seriam os instrumentos por meio dos quais chegar-se-ia à modernização, que não é algo acabado, mas um processo em constante evolução. Ver: LECHNER, N. Lua Nova, 21, set. de 1990.

² ORTIZ, R. “Cultura e Sociedade Global” In: *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

convivermos socialmente. E ela que nos provê os modos de nos expressarmos como criadores originais nas áreas das artes, das ciências e dos cultos. Afinal, é a cultura que nos faz a gente singular que somos; diferentes de todas as outras.

Segundo Santos (1994, p. 8):

Cada realidade cultural tem sua lógica interna a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas.

Ou, conforme Meneses (1996, p. 92):

os valores culturais não são espontâneos, não se impõem por si próprios. Não nascem com o indivíduo, não são produtos da natureza. Decorrem da ação social. As seleções e opções feitas pelos indivíduos e grupos, para serem socializados e se transformarem em padrões, necessitam de mecanismos de identificação, enculturação, aceitação.

Na conceituação de Teixeira Coelho (1997, p. 103), “cultura remete à idéia de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante.” Concorda também que em um sentido mais estrito, ela designe o processo de cultivo da mente, cientificamente ou espiritualmente. Este aspecto estrito pode gerar críticas por seu campo de abrangência remeter mais à mente humana do que ao seu fazer coletivo do cotidiano, uma vez que nem todos têm acesso à educação e à tecnologia. Assim, desenvolver o cientificismo e o cultivo do espírito ficaria reservado a uma parcela social, não condizendo com a realidade coletiva.

Assim, acredita-se ser mais abrangente utilizar a definição de cultura como construção histórica, cujo valor não se limita aos objetos, ou ao patrimônio construído, mas aparece no jogo concreto das relações sociais. Desta forma, a cultura seria o resultado da história coletiva da vida humana, que teria gerado especificidades que acompanhariam

e identificariam esta coletividade no seu fazer social, no seu pensar, no seu agir, no seu organizar-se e, sobretudo, na sua maneira de projetar-se no mundo.

Leia-se, cultura seria a maneira própria e única de um grupo social fazer as mesmas coisas que os demais, de um modo particular. A cultura determinaria o "sentir" de semelhantes sensações de diferentes maneiras. Ela manifesta-se como um produto coletivo da vida em sociedade.

Cultura seria o conjunto das manifestações que compõe o conteúdo das relações dos homens na coletividade. Ela que determina como os indivíduos portar-se-ão diante da vida e da morte, como responderão aos sentimentos de amor e de ódio, como irão satisfazer suas necessidades, seus desejos ou como resolverão suas crises sociais e existenciais.

TURISMO CULTURAL

Para convencerse sólo hay que volver la mirada hacia el campo cada vez más vasto del turismo cultural, que en el transcurso de las últimas décadas se ha convertido en uno de los aspectos más vitales, menos discutibles del turismo mundial. Prueba de ello es que constituye un auxiliar activo de la defensa y protección del patrimonio cultural. (Haulot, 1991, p. 90)

Turismo é sonho, é desejo, é emoção (Castrogiovanni, 1998)³. Ele sustenta-se tanto na diversidade de lugares quanto na diversidade de culturas e expressões da vida humana. Mas a cultura que efetivamente costuma ser apropriada pelo turismo é aquela "que gera produtos e manifestações concretas" (Gastal, 1998).

É por isso que Coelho (1997) explica em seu *Dicionário de Cultura* que turismo cultural se refere, em sentido estrito, "ao turismo que abre espaço para visitação de museus, e locais históricos, considerados patrimônio de uma comunidade, e, acessoriamente para a frequentação a espetáculos de ópera, teatro, cinema, etc." (p. 359)

O autor entende que, desta maneira, "no conjunto, o turismo cultural é, atividade voltada fundamentalmente para os modos culturais geralmente ditos "de elite". (Coelho, p. 359) É por isso que não se vai à França para ver as cloacas⁴, e sim, a Torre Eiffel; dificilmente se vai ao Rio de Janeiro visitar uma favela, mas o Cristo Redentor; ou o bairro da Boca, em Buenos Aires; ou o Pelourinho, em Salvador; ou um bairro residencial dos

³ Antônio Carlos Castrogiovanni - Professor da disciplina de Ordenação Espacial e Regionalização Turística do curso de Especialização em Produção e Gestão do Turismo da PUCRS em 1998.

⁴ Cloacas é como vulgarmente se chama as galerias subterrâneas de esgoto que há em Paris. Fato interessante é que estas estão começando a ser visitadas pelos turistas atualmente, segundo (Wainberg, 1999).

trabalhadores safreiros da indústria fumageira, em Santa Cruz do Sul.

A razão para não se visitar estes lugares, seja, talvez, a não constituição de um saber sistematizado que sirva de aparato informativo para tornar estes passeios de caráter educacional. "A informação é essencial para a valorização" (Lemos, 1997). E, na ausência de dados para ilustrar estes passeios, ou na falta de conhecimentos para transmitir ao visitante, cairiam num vazio sem sentido, mesmo sendo produtos de uma cultura.

Beni(1998) entende que a cultura de um país ou de uma sociedade, nada mais seja, do que a soma das subculturas dos diferentes grupos humanos que compõe esta mesma sociedade. Afirma também, que a cultura que aparece como cultura local é a do grupo que domina esta sociedade. Ele compreende que o turismo cultural se desdobre em diferentes títulos como: ecológico, antropológico, religioso, arqueológico, artístico, e outros, conforme os valores que constituem preocupação para as diferentes sociedades, em dado momento.

"O turismo cultural tem se revelado fonte importante de recursos para os países que dedicam a esse setor a atenção necessária" (Coelho, 1997, p.360). Porém, o que o autor questiona é se este turismo cultural, de visitação aos bens culturais concretos preservados por um grupo como patrimônio, ou de contemplação das manifestações artísticas oferecidas pelo mesmo, realmente tem capacidade de revelar-se como impulsionador de dinâmica cultural, podendo não influenciar na prática cultural das pessoas, por razão de sua ocasionalidade. A mesma dúvida costuma associar-se aos eventos, que tendem a ser desconsiderados como prática cultural.

Mas o turismo cultural não se limita a essa concepção estrita. Diz-se que toda vez que a viagem for motivada por busca de crescimento intelectual, aperfeiçoamento educacional, mental ou profissional, ela é estatisticamente classificada como turismo cultural.

Dentro desta concepção, que nos traz a obra de Andrade (1997), o turismo cultural abrangeria exclusivamente os deslocamentos para a satisfação de objetivos como o encontro da arte, da ciência, da formação e da informação nos diversos ramos de conhecimento. Portanto, todas as demais viagens, com motivações diversas das citadas, não envolvendo a obtenção de conhecimento ou contato cultural, não seriam de turismo cultural.

Segundo Andrade (1997), o turismo cultural seria atípico porque se realiza de modo diferente dos demais tipos de turismo, que geralmente se caracterizam pela preocupação com atividades como o lazer, o repouso e o descompromisso. Além disso, seria forma de turismo *itinerante intensivo*, por poder constituir-se de viagem maior, dentro da qual se realizam viagens pequenas, suplementares ou de complementação, em um único local ou região ou em regiões diversas.

Acredita também, que os aspectos fundamentais do turismo cultural não se expressam pela viagem em si, mas por suas motivações, que seriam basicamente:

conhecer, pesquisar, estudar, analisar dados, obras ou fatos, em suas diversas manifestações.

Na conceituação de turismo cultural, o termo 'cultura' é amplo, pois não abrange apenas a cultura do turista, mas também o conjunto de hábitos, idéias e realidades concretas que ele pode assimilar ou não, em seu contato com novas situações e convivências diferentes.

Pela diversidade das motivações e das estratégias específicas que constituem este turismo, ele subdividiria-se em: "turismo científico e *turismo de congresso ou turismo de convenções*", conforme Andrade (1997).

Para este autor, o "turismo científico" é denominado: viagem de estudos, excursão científica, viagem de pesquisa, etc. Neste tipo de turismo, o lazer e o descanso tornam-se elementos secundários e, por vezes, chegam a inexistir, devido à própria programação ou aos objetivos a que os turistas ou visitantes se propõem.

Já o "turismo de congresso ou de convenções" seria o conjunto de atividades exercidas pelas pessoas que viajam para participar de congressos, convenções, assembleias, simpósios, seminários, ciclos, concílios, sínodos, festivais e demais encontros para estudo de interesses profissionais, místicos, artísticos, científicos, tecnológicos, etc.. Devido a essa amplitude de motivações, fica difícil delimitar conceitos, os quais podem variar de grupo para grupo.

O turismo cultural seria o tipo de turismo que mais utiliza o patrimônio histórico das localidades, beneficiando-se ainda de todo o patrimônio cultural da comunidade receptora, como: bens histórico-culturais e bens naturais. Inclusive, segundo Haulot (1991, p. 90), "Los responsables de los destinos del turismo tienen un profundo interés por proteger al patrimonio. Sin éste, ya se trata de la naturaleza o de los monumentos, el turismo pierde sus objetivos, se vacía de su sustancia."

Neste contexto de turismo cultural associado ao patrimônio histórico, a prioridade é dada à visitação de museus, prédios históricos, monumentos, templos, conjuntos arquitetônicos, espaços tecnológicos, obras esculturais e apreciação de artes plásticas, literárias e musicais com valor universalmente reconhecido, bem como à compra de artesanato local e à contemplação de "espetáculos típicos", das mais diversas modalidades artísticas.

Em outras palavras, os espaços próprios para a realização do turismo cultural são aqueles fisicamente transformados pelo trabalho, gerando assim produtos que se constituam insumo para o turismo. Segundo Beni (1998, p. 84): "o espaço cultural é aquela parte da superfície terrestre que teve sua fisionomia e "aura" originais modificadas pela ação do homem. É consequência da intervenção do trabalho físico e mental do homem no espaço natural." Para ele, também o turismo ecológico é um desdobramento do turismo cultural.

Mas o que se pretende mostrar, é a impossibilidade de delimitar o turismo cultural como sendo apenas aquele no qual está explícita a motivação educacional, o aperfeiçoamento

profissional ou o aprimoramento intelectual, pois toda vez que o homem viaja, o envolvimento humano que ocorre quando este entra em contato com outro homem, seria interação cultural.

Isso ocorre porque o turismo só existe a partir do homem. Todos os demais elementos do turismo deixarão de existir se não houver indivíduos dispostos a se deslocarem em busca de algo: experiências, descanso, aventuras, visita, lazer ou mesmo negócios lucrativos, pois sempre haverá uma ação humana nestes deslocamentos de pessoas, que ao interagirem com outras, darão ao turismo o caráter de atividade humana.

Sendo uma atividade humana, pode-se deduzir que o turismo abarque sempre o plano cultural das pessoas, posto que o homem seja essencialmente um ser cultural. Assim, todo turismo envolve a cultura, tanto daquele que viaja, quanto daquele que recebe o turista, pois ambos são seres culturais, e como tal, não podem despir-se da mesma enquanto hospedam ou viajam e se relacionam com o espaço visitado, que também é produto de uma cultura ou, se artificialmente construído, de uma ação cultural.

Bouillon (1993) percebe esses contatos e considera-os imprescindíveis para a preservação ecológica dos atrativos culturais:

cuando un atractivo cultural se encuentra en una gran ciudad - cuya razón de ser no es la turística - este atractivo, así como las actividades de los turistas, están sujetas a las condiciones espaciales y al habitat humano que allí predominan. Aunque esos turistas sean miles, se diluyen entre los millones de habitantes, y las costumbres e formas de vida de la ciudad se imponen como un marco que envuelve a los visitantes. Esto los condiciona a que observen esse fenómeno urbano como un atractivo más, porque difícilmente los extraños alcanzan a participar en la vida de una ciudad, en el mismo nivel de sus habitantes. Aunque se mezclen con ellos en festejos populares o concurren a los mismos lugares públicos que éstos frecuentan, siempre son considerados como gente de afuera, lo que los relega al plano de espectadores. Contra esto nada puede hacerse, ni conviene intentarlo, porque sería como tratar de falsificar una cultura. (p. 71).

Haulot (1991) afirma com muita propriedade: "Ciertamente, hoy podemos decir que ya no hay cultura que pueda concebirse sin turismo... Pero debemos afirmar que lo contrario también es verdad, que sin cultura no hay turismo verdadero: sólo hay caricatura." (p.75) Quer dizer, para ele não há turismo que não seja turismo cultural. Assim, acredita que turismo: "Es en sí mismo riqueza, fuerza, en la medida en que, alimentado por el pasado, atento al presente, se considera a sí mismo como curiosidad abierta, interrogación ferviente acerca del futuro del hombre y de la sociedad." (p. 95)

Também Naisbitt (1984), analista de tendências, percebe esse cultural que há no homem, logo no turismo: "quanto mais nos expomos a outras culturas, outros idiomas

e outras paisagens, maior o nosso desejo de experimentá-las pessoalmente. Hoje em dia, todos querem sair de seus pequenos mundos e conhecer outras pessoas". (p.115)

Afirma ainda:

De acordo com uma pesquisa encomendada pelo órgão governamental de turismo irlandês, um quarto das pessoas em visita aos países da Comunidade Comum Européia, em 1990, foi atraída pela arte, pela arquitetura e pela ambientação do continente. ... "Nesse mesmo ano, a principal feira de turismo do mundo girou em torno de uma série de simpósios com o tema 'Megatendência Cultural'." (p. 143).

Essa tendência também é percebida por Haulot (1991):

Lo esencial, para quienes hemos vivido el turismo nacional e internacional desde hace unos treinta años, reside solamente en el desarrollo cultural del hombre, en el enriquecimiento y la paz de los espíritus, en el inicio de un conocimiento más exacto y más vasto del mundo, y por ello mismo, en una hermandad activa a escala de los pueblos de nuestro planeta. (p. 76)

A verdade é que o turismo nasceu em torno dos bens paisagísticos, culturais e arquitetônicos preservados. O *grand-tour* da aristocracia e da burguesia européia representou a forma mais completa de relação entre oferta cultural e demanda turística. Porque os recursos turísticos constituíam-se essencialmente dos bens culturais que as regiões visitadas ofereciam e era justamente esse patrimônio cultural que a demanda aspirava conhecer. Ou ainda, conforme Lemos (1991), a Europa vive do tempo que é capitalizado em forma de turismo.

Viajar significa, principalmente, conhecer novas formas de vida e ter contato direto com os costumes de outros povos, permitindo um maior intercâmbio entre eles. Ainda é pequeno este intercâmbio entre as partes, tendo-se mais uma relação comercial entre as mesmas. Nos dias atuais, o turismo, cada vez mais, "vai exigindo a criação de mais cenários, de mais exotismos, provocando quadros artificiais, inclusive." (Lemos, 1982, p. 30). Mas estes cenários, este exotismo e quadros artificiais (não-lugar) que o capital vai criando nas regiões turísticas, são também reflexos culturais destas regiões, ou de seus criadores.

Segundo Milton Santos (1996, p.273) "cada lugar é ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e uma razão local, convivendo dialeticamente". Então, toda a estrutura urbana, além de ter a influência do capital que é internacional, tem acima de tudo a marca da sociedade que a erigiu, ou seja, quando a indústria internacional divulga seus produtos pelos diferentes países, o faz respeitando as preferências do povo que irá consumi-los.

Isso é cultural.

Assim, sentar num Mac'Donalds e tomar Coca-Cola acompanhada de hambúrguer com maionese, pode ser algo diferente de um país para outro, mesmo que a proposta inicial fosse de comercializar produtos padronizados, conforme o modelo fordista. Mas de acordo com Lemos (1991), o consumo de massa está sendo repensado, e hoje as empresas já ousam trabalhar com produção diferenciada, atendendo a pequenos nichos de mercado, que variam de país para país. Variam inclusive dentro de uma mesma região ou localidade.

Dos grandes centros urbanos às pequenas vilas, as culturas representam contrastes marcantes, constituindo-se grandes atrativos para os turistas a vida e o pensamento de outras pessoas. Inclusive aqueles modos de vida que são alvo de polêmicas, como o da qualidade de vida em megalópoles, são curiosidades que atraem turistas. Conforme Boullon (1993):

El mismo centralismo que impulsó el crecimiento desmesurado de las metrópolis y grandes ciudades, les transmitió el prestigio que hoy tienen porque, a pesar de todo lo que se diga en su contra, no cabe duda de que la gente siente por ellas una gran admiración y una gran atracción. De no ser así, no habrían continuado creciendo. (p. 88)

E complementa:

De cualquier forma, por mérito *próprio* o porque el mercado así lo quiso, la mayor parte de las capitales y grandes ciudades se convirtieron en atractivos turísticos de primera magnitud. Y es tal esa magnitud, que un turista que pasó por Estambul dice que conoció Turquía. (Boullon, p. 88)

O turismo cultural abrange todos os aspectos desenvolvidos na realização de viagens, porque "cultura é vida pensada" (Bosi 1987, p.38) e todas as nossas ações são produto de um "pensar", um "saber" e um "fazer" cultural.

Desta forma, o turismo pode ser considerado um instrumental importante na promoção das relações culturais e na cooperação entre os povos, pois desde que os homens viajam, misturam-se os modos de ver, de ser, de construir, de fazer arte, as técnicas, enfim, não se encontra mais uma sociedade pura desde que há o traslado. Por isso, "na vida moderna viajar é tão importante como possuir informação, é a própria expansão da informação". (Lemos 1997, p. 240)

Viajar é trocar, levar e buscar conhecimento. E o turismo, hoje, se faz em direção à cidade (lugar), ao objeto construído (não-lugar), e consome-se cultura intensamente, tanto histórica, quanto moderna, como se viu na observação de Boullon. O turista pós-

moderno gosta do tradicional aliado ao tecnológico, busca sempre uma “colcha de retalhos culturais”, conforme os turismólogos atuais.

Nessa tendência cultural da atualidade, a questão do “olhar” é o grande motivador. O turista sabe o que existe, mas precisa “ver” ou “sentir”.

Já para Conti (1997), hoje não se pode conceber a natureza sem o homem, pois a visão holística da natureza, mostra a integração entre homem e meio. Mesmo os espaços físicos naturais ainda não modificados pelo homem, demandam um estudo que inclui o homem, na medida em que têm vida e interferem no ecossistema, ou até mesmo, para averiguar porque o homem não agiu nestes espaços.

Dóris Ruschmann (1994) afirma que o patrimônio ambiental é um elemento essencial para o desenvolvimento turístico e a sua preservação depende de políticas que considerem a ocupação racional do território, o controle do crescimento desmesurado através de leis de proteção ambiental. Assim, se a proteção depende de estratégias políticas e econômicas, tem também implicação cultural.

Segundo Milton Santos, apud Castrogiovanni (1998), “a natureza é o continente e o conteúdo do homem”, desta forma, o homem seria natureza e como tal, não se pode imaginar espaços terrestres sem considerar-se o homem, que atuou ou não, nestes.

Castrogiovanni lembra também Pitte (1990, p. 38), para quem:

a paisagem é uma realidade cultural, pois não é somente trabalho humano mas também objeto de observações, inclusive consumo. A cultura desempenha um papel de filtro variável de um para outro indivíduo e de um para outro grupo social. Este fenômeno de movimentos é fundamental nas paisagens turísticas que são avidamente contempladas mas também profundamente ordenados para melhor serem observados,

o que também quer dizer que há entre o homem e a natureza uma íntima relação.

Para Marx, ainda segundo o mesmo autor, “a natureza tomada abstratamente, em si, separada do homem, é nada.” A partir disto, poder-se-ia concluir que mesmo a natureza intocada é produto da ação humana que se desenvolveu em outra direção, relegando estes espaços, por um jogo de prioridades e interesses. Então, há ação cultural no espaço preservado, tal como no espaço devastado.

Tal como a preservação natural, todas as demais atrações turísticas só são possíveis porque alguma forma cultural propiciou-lhes as condições necessárias para tal. E em todas as viagens há sempre encontros e relações entre diferentes manifestações culturais.

Se adquiere efectivamente cultura tanto en el contato con el ciudadano del país que se visita - cuando se descubren los problemas que se le plantean a tal o cual nación, a tal o cual pueblo, al tomar conciencia de una cierta universalidad en el destino, en la esperanza

o en la inquietud - como al admirar las obras de arte, las maravillas.
(Haulot, 1991, p. 91)

Mas, infelizmente, o elemento cultural ainda é pouco apropriado pelo turismo como instrumento de integração cultural, porque o patrimônio cultural até há bem pouco tempo, arrolava como bens culturais apenas produtos e manifestações concretas, fetichizadas, quando muito, manifestações folclóricas. É preciso dessacralizar a cultura, pois “o valor cultural não está nas coisas, mas é produzido no jogo concreto das relações sociais”. (Meneses, 1996)

Estas relações se dão no espaço geográfico sobre o qual se estabelece uma sociedade, surgindo assim o que se define como “lugar”, espaço da ação humana sobre o qual se construiu uma identidade, devido ao processo histórico de construção e reconstrução social que este espaço sediou. Os espaços naturais e os espaços humanizados podem contar muito sobre as sociedades ali estabelecidas.

O turismo exerce grande fascínio pela possibilidade das pessoas deslocarem-se dentro destes espaços e conhecê-los. Estes deslocamentos representam um tipo de ação pessoal que enriquece os conhecimentos, uma reação contra a massificação e uma possibilidade de atingir um meio de comunicação pessoal, quando os turistas dialogam.

Ele serve também como forma de preservação de valores culturais. Ele estimula os países a proteger suas civilizações, heranças e bens culturais, tendo um importante papel como restaurador das identidades locais. Pode-se afirmar inclusive “que o Turismo é, em certo sentido, o instrumento que serve de veículo à reabilitação das culturas, contribuindo em grande medida para sua difusão mundial.” (Beni, 1998, p. 86)

Portanto, o turismo deveria constituir-se em atividade centrada no homem, no enriquecimento cultural do visitante, através do fortalecimento cultural de quem o recebe. Este seria o turismo em prol de um ser humano mais fraterno e solidário, um ser humano mais realizado e integrado.

Assim, deveria ser estimulado um programa de educação para o conhecimento dos patrimônios locais em nível de escolas, o que com o passar do tempo viria a alterar os valores atribuídos às heranças culturais de cada comunidade, porque possivelmente um maior nível de conhecimento e sensibilidade para perceber as diferentes realidades locais fosse fator positivo na formação de repertório lógico para a interpretação do que se pode perceber em contato cultural com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, acredita-se no desenvolvimento de uma crescente tendência do homem atual em busca do turismo cultural, justamente devido à fisionomia universalizada que

vêm assumindo nossas cidades e sociedades com a globalização.

Em suma, este modelo de turismo, que privilegia lugares consagrados, verdadeiros monumentos culturais sacralizados, deverá mudar quando as comunidades tomarem consciência de que todos os locais em que há vida humana são espaços culturais, logo, dignos de serem visitados e da mesma forma, respeitados como símbolos culturais, representativos da história de um povo. E:

No es necesario que, como en las otras categorías, los centros turísticos pequeños y medianos posean edificios, monumentos o obras de arte que se destaquen por sí mismas como muestra de un pasado perdido. Mucho mejor que eso es que, sin estridencias, la ciudad entera se convierta en un atractivo turístico por la armonía de sus formas y la calidad de su ambiente. Eso es lo que busca en un espacio urbano la demanda aficionada a la ecología. Y hay que hacerle entender a la población local que la defensa de esos valores no depende del amor a la naturaleza o a la cultura, que ellos tengan - que si existe es bienvenido - sino de que comprendan que el equilibrio y la prosperidad del sistema productivo que les da trabajo, están sujetos a la conservación de sus recursos básicos. (Boullon, 1993, p. 91)

Desta forma, propõe-se a incorporação dos produtos culturais das sociedades como insumos na formatação de espaços turísticos. Assim, a apropriação dos bens culturais desses espaços e a reapropriação e ressignificação de outros, já em desuso, comporão os produtos turísticos que as comunidades querem oferecer, porque todo o turismo, consciente ou não, pressupõe consumos culturais, em forma de mercadoria, ou não.

* Para maior aprofundamento no assunto, ver dissertação de título "A Cultura no Desenvolvimento do Turismo em Santa Cruz do Sul", defendida por Sandra Regina Haas da Fontoura, na UNISC, no dia 23/06/1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUESSY, Honorat. Interpretaciones sociológicas del tiempo y patología del tiempo en los países en vías de desarrollo. In: *El tiempo y las filosofías*. Ed. Sigüeme/UNESCO, Salamanca, 1979.

ANAIS DO 1º CONGRESSO LATINO-AMERICANO SOBRE A CULTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA. Porto Alegre: Unidade Editorial/SMC, 1992.

ANAIS DO 2º CONGRESSO LATINO-AMERICANO SOBRE A CULTURA ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA. Porto Alegre: Unidade Editorial/SMC, 1997.

BITTENCOURT, Circe. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998.

BOSI, Alfredo. Cultura como Tradição. In: *Cultura brasileira, tradição e contradição*. Rio de Janeiro: Zahar/Funarte, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa; Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989. Caps. I, III e VI.

_____. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CANCLINI, Néstor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Culturas híbridas*. Buenos Aires: Sudamérica, 1992.

_____. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

COELHO, Teixeira. (Org.). *Dicionário crítico e político cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DaMATTA, Roberto. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. Você tem cultura? In: *Explorações: Ensaios de Sociologia Interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. Cidadania. In: *A Casa e a Rua*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1991.

GASTAL, Susana. (Org.). Turismo & cultura: por uma relação sem diletantismos. In: *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: Edelbra, 1998.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

_____. *Conocimiento local*. Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós, 1994.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HÖBSBAWM, Eric, RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

- IZQUIERDO, Ivan Antonio. É a memória que nos dá identidade. *Porto & Vírgula*. Porto Alegre: n° 22, 1998.
- JAMESON, Fredric. O consumo e a pós-modernidade. In: *O mal-estar no Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura - Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- LECHNER, Norbert. *A modernidade e a modernização são compatíveis? O desafio da democracia latino-americana*. *Lua Nova*. 21, set. de 1990, p.73-86
- LEMES, Carlos A. C. *O que é Patrimônio Histórico?* São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papyrus, 1989.
- MENESES, Ulpiano T. B. Os Usos culturais da Cultura. In: YAZIGI, E., CARLOS, Ana Fani A., CRUZ, Rita de Cássia A. da (Organizadores). *Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- NAISBITT, John. *Paradoxo Global*. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. Cultura, Política e Cidadania. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre: PUC-RS, n.4, maio de 1996, p. 9-17
- PACEY, Arnold. *La cultura de la tecnologia*. México: FCE, 1990.
- PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. *Sociologia do Turismo*. Campinas: Papyrus, 1995. Coleção Turismo.
- PAZ, Octávio. *O labirinto da solidão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- PELLEGRINI, Américo Filho. *Ecologia, Cultura e Turismo*. Campinas: Papyrus, 1993. Coleção Turismo.
- RIBEIRO, Darcy. A cultura. *Folha de São Paulo*. 13, nov. de 1995.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno?* São Paulo: Brasiliense, 1997.
- SANTOS, João Aníbal Gottens dos. *Televisão: Cultura Local e Cultura Global. Etnografia da audiência entre descendentes de imigrantes alemães no RS*. Porto Alegre: UFRGS, 1995. Dissertação de Mestrado

- SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura?* São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- SOTELLO, Francisco S. El concepto de cultura e los cambios culturales. *Sociológica*, ano 6, n. 17, sept./dic.
- TELLES, Leandro Silva. *Manual do Patrimônio Histórico*. Porto Alegre: EST e Caxias do Sul: UCS e Prefeitura de Rio Pardo, RS, 1977.
- TOFLER, Alvin. *A Terceira Onda*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- WEKID, Gabriela Beatriz. *Monumentos Históricas Nacionales: Competências Jurisdiccionales y Relaciones Interinstitucionales*. S. L. Universidad Nacional de Misiones, 1992. (Monografia de Graduação).